

TRILOGIA A SINA DO SETE III

NORA ROBERTS

A PEDRA PAGÃ





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para velhos amigos.

“Onde não há revelação divina, o povo se desvia.”

– PROVÉRBIOS 29:18

“Não tenho nada a oferecer além de sangue,
trabalho árduo, lágrimas e suor.”

– WINSTON CHURCHILL

PRÓLOGO

Mazatlán, México
Abril de 2001

OSOL PROJETAVA RAIOS PEROLADOS NO CÉU E INCIDIA NA ÁGUA QUE, a cada movimento da maré, molhava um pouco mais a areia branca. Gage Turner caminhava silenciosamente pela praia carregando os velhos tênis Nike pendurados no ombro. A calça jeans estava desbotada havia muito tempo, a barra já desfiada. A brisa tropical agitava o cabelo dele, que não era cortado fazia mais de três meses.

Naquele momento, ele não parecia mais arrumado do que os ratos de praia que ainda dormiam na areia. Ele mesmo adormecera assim uma ou duas vezes, e sabia que alguém os expulsaria antes que os turistas acordassem. Entretanto, apesar da necessidade de tomar banho e de se barbear, sua sorte melhorara muito. Com uma noite de vitórias no bolso, até cogitava trocar seu quarto por uma suíte com vista para o mar.

Aproveite enquanto pode, porque amanhã tudo pode mudar, pensou.

O tempo já estava se esgotando: escorria pelos dedos como a areia branca em suas mãos. Seu 24^o aniversário seria em menos de três semanas e os sonhos haviam retornado. Sonhos com sangue e morte, fogo e loucura. Hawkins Hollow parecia um mundo distante naquela suave alvorada tropical.

Mas vivia dentro dele.

Gage abriu a larga porta de vidro de seu quarto, entrou e atirou os tênis para o lado. Depois de acender as luzes e fechar as cortinas, tirou os ganhos do bolso e passou distraidamente o polegar pelas notas. Com a taxa de câmbio atual, tinha agora uns 6 mil dólares. A noite não fora nada mal. No banheiro, destampou uma lata de creme de barbear e pôs o dinheiro dentro.

Ele protegia o que era seu. Aprendera a fazer isso desde a infância, descon-

dendo pequenos tesouros para que o pai não os encontrasse e destruísse durante uma bebedeira. Podia não ter nível universitário, mas aprendera muito com a vida.

Deixou Hawkins Hollow no verão em que se formara no ensino médio. Simplesmente arrumou suas coisas, se despediu e foi embora. *Na verdade, eu fugi*, pensou enquanto se despia para uma chuvairada. Nunca lhe faltara trabalho. Afinal, era jovem, forte e saudável. Mas havia aprendido uma lição importante enquanto cavava valas, carregava lenha e, sobretudo, nos meses em que dava duro em uma plataforma em alto-mar: podia ganhar mais dinheiro com as cartas do que com os músculos.

E um jogador não precisava de um lar. Só precisava de um jogo.

A água quente escorreu pela pele bronzeada, pelo corpo magro e o grosso cabelo preto. Preguiçosamente, pensou em pedir café da manhã no quarto, mas decidiu tirar algumas horas de sono primeiro.

Outra vantagem da minha profissão. Podia ir e vir quando quisesse, comer quando sentisse fome, dormir quando estivesse cansado. Estabelecia as próprias regras e as quebrava quando lhe convinha.

Nada o segurava.

Isso não era exatamente verdade, admitiu, estudando a cicatriz branca em seu pulso. Os amigos de um homem, os amigos verdadeiros, o seguravam. E não havia amigos mais verdadeiros do que Caleb Hawkins e Fox O'Dell.

Irmãos de sangue.

Eles haviam nascido no mesmo dia, no mesmo ano e, até onde se podia dizer, no mesmo momento. Gage não conseguia se lembrar de um tempo em que os três não tivessem sido... uma unidade, supôs. O garoto de classe média, o hippie e o filho de um bêbado abusivo. Não tinham nada em comum, mas eram uma família, irmãos desde muito antes de terem feito aquele pacto estúpido.

O pacto mudara tudo. Ou não? Talvez tivesse apenas revelado o que sempre esteve lá, à espera. Lembrava-se de cada passo, cada detalhe. Aquilo tinha começado como uma aventura – três garotos na véspera de seu décimo aniversário indo acampar na floresta. Carregando uma edição da *Penthouse*, cerveja, cigarros (contribuições dele), besteiras para comer e refrigerantes de Fox e a cesta de piquenique com sanduíches e limonada que a mãe de Cal preparara. Frannie Hawkins não teria feito nada se soubesse que o filho planejava acampar naquela noite na Pedra Pagã. Lembrava-se do dia quente

e úmido, da música no rádio e da total inocência que levavam junto com os biscoitos que consumiriam antes de deixarem a floresta, pela manhã.

Gage saiu do banho com o cabelo pingando e o enxugou com uma toalha. No dia do pacto, suas costas doíam da surra que o pai lhe dera na noite anterior. Quando se sentaram ao redor do fogo, na clareira, os machucados pulsavam. Lembrou-se daquele momento, e de como a luz havia tremulado e pairado acima da Pedra Pagã.

Lembrou-se das palavras que disseram enquanto Cal os tornava irmãos de sangue. Lembrou-se da dor súbita da faca rasgando sua pele, do contato dos punhos de Cal e Fox quando misturaram seus sangues. E da explosão, do calor e do frio, da força e do medo quando aquele sangue misturado atingiu o chão da clareira. Lembrou-se do mal que saiu dali e da luz brilhante que surgiu depois.

Quando tudo terminou, o jovem Gage não tinha mais vergões nas costas, não sentia dor alguma, e em sua mão havia a terça parte de um jaspesanguíneo. Ainda carregava a pedra, assim como Cal e Fox levavam as deles. Três partes de um todo.

A loucura chegou a Hollow na mesma semana, assolando-a como uma praga, infectando, fazendo pessoas boas cometerem atos horríveis. E durante sete dias, a cada sete anos, a loucura voltava.

E eu também, pensou Gage. Que escolha ele tinha?

Nu e ainda molhado, deitou-se na cama. Ainda havia tempo para mais alguns jogos, praias quentes e palmeiras oscilantes. Os bosques e montanhas de Hawkins Hollow estavam a milhares de quilômetros, até que julho chegasse.

Fechou os olhos, como treinara fazer, e adormeceu quase instantaneamente. No sono vieram os gritos, o choro e o fogo consumindo madeira, pano e carne. Sangue quente escorria de suas mãos enquanto ele arrastava os feridos para um lugar seguro. Por quanto tempo mais teria que fazer aquilo? Que lugar era seguro? E quem poderia dizer quando e se a vítima se tornaria o agressor?

A loucura imperava nas ruas de Hollow.

No sonho, estava com seus amigos na extremidade sul da rua principal, do outro lado do Qwik Mart. O treinador Moser, que conduzira o time de Hawkins Hollow a um campeonato de futebol americano no último ano de Gage, ria enquanto se banhava com a gasolina que jorrava das bombas.

Os três correram na direção de Moser, mesmo quando o treinador ergueu seu isqueiro como um troféu, chapinhando nas poças de gasolina como um garoto. E continuaram correndo quando ele acendeu o isqueiro.

Houve brilho e estrondo. A explosão o ensurdeceu e fez seus olhos arderem. A força do calor e do ar o atirou para trás. Fogo e fumaça se ergueram em direção ao céu enquanto pedaços de madeira, concreto, vidro e metal incandescente voavam.

Gage sentiu o braço e o joelho tentarem se curar, produzindo uma dor maior do que a da própria fratura. Cerrou os dentes, rolou e o que viu fez seu coração parar.

Cal estava jogado na rua, sendo queimado vivo.

Não, não, não, não! Arrastou-se, gritando, lutando por oxigênio. Lá estava Fox, com o rosto virado para baixo em uma grande poça de sangue. O demônio veio, uma mancha preta no ar ardente, na forma de um homem.

– Não consegue curar a morte, não é, garoto? – perguntou ele, sorrindo.

Gage acordou suado, trêmulo e com o gosto de gasolina queimada ardendo em sua garganta. *É, acabou a festa.*

Ele se levantou, se vestiu e começou a fazer as malas para a viagem de volta a Hawkins Hollow.

UM

Hawkins Hollow, Maryland Maio de 2008

GAGE ACORDOU IRRITADO. POR EXPERIÊNCIA PRÓPRIA, SABIA QUE TENTAR dormir de novo seria inútil. As imagens de sangue e fogo continuavam marcadas em seu cérebro. Era sempre assim. Quanto mais o mês de julho se aproximava, mais vívidos e cruéis eram os sonhos. Preferia estar acordado a se debater com pesadelos.

Ou visões.

Ele nunca conseguiu discernir os sonhos das visões. Sete anos antes, quando chegou julho, tomou a precaução de desligar as bombas do Qwik Mart e prender o treinador Moser em uma cela. Nunca soube, não com certeza, se salvara a vida de seus amigos ou se o sonho em Mazatlán tinha sido apenas um pesadelo.

Mas havia jogado com as probabilidades. E continuava a fazê-lo. Tinha voltado, como acontecia a cada sete anos. E dessa vez Cal, Fox e ele tinham reforços: Quinn, Layla e Cybil se uniram à luta.

Gage vestiu uma bermuda e saiu do quarto. Desde que Cal ficara noivo de Quinn, ela passava a maioria das noites ali. Por isso, não era uma boa ideia descer nu para fazer café. Naquele momento, entretanto, a bela casa na floresta parecia deserta – de pessoas e do grande e preguiçoso cachorro de Cal, Caroço. Presumiu que o amigo havia passado a noite na casa de Quinn. E Fox devia estar com Layla.

Gage ligou a cafeteira e saiu para o quintal. Construir uma casa perto da floresta onde a vida deles tinha virado de cabeça para baixo era bem a cara de Cal. Ele era do tipo que tomava uma posição e a mantinha. Ao mesmo tempo, o lugar sem dúvida era perfeito para quem desejava uma vida calma e tranquila.

A floresta, com seus cornisos e loureiros-da-montanha brilhando ao sol,

oferecia um quadro de tranquilidade. Isso se você não soubesse da maldição, é claro. Aquilo combinava com Cal. Já para Gage... toda aquela quietude o deixaria louco em um mês.

Voltou para dentro de casa e bebeu uma caneca de café forte. Subiu para tomar banho e trocar de roupa. Depois, jogou algumas partidas de paciência, mas não conseguia relaxar. A casa estava... calma demais. Pegou suas chaves e saiu. Procuraria seus amigos e, se nada estivesse acontecendo, talvez fosse para Atlantic City em busca de um pouco de agitação.

Hollow era um lugar tranquilo, um ponto no mapa na sinuosa área rural a oeste de Maryland. As árvores se arqueavam acima da estrada; ao lado, o riacho serpenteava. Então a vista se abria para as colinas ondulantes, as montanhas distantes e um céu de delicado azul primaveril. Não era um lugar para Gage criar raízes. Havia chances de morrer ali, mas, ainda assim, continuaria não sendo parte daquele lugar. De qualquer forma, apostava que desta vez não só sobreviveriam, como venceriam o demônio que assolava a cidade. Agora eles eram seis.

Passou pelas casas e lojas ao longo da rua principal. Avistou a picape de Fox do lado de fora da casa que lhe servia de lar e escritório de advocacia. O Ma's Pantry estava lotado para o café da manhã. Uma grávida saiu da padaria com uma sacola grande, levando o filho pela mão. A criança falava sem parar enquanto a mãe bamboleava pela rua.

Lá estava a loja vazia que Layla havia alugado com planos de abrir uma boutique. A ideia fez Gage balançar a cabeça. Aparentemente a esperança e o amor tornavam todo sonho possível...

Olhou de relance para o Bowl-a-rama, praticamente uma instituição da cidade e o legado de Cal. Houve uma época em que ele tinha morado com o pai em cima do boliche, com o fedor de cerveja e cigarros, e a ameaça constante de socos ou golpes de cinto. Bill Turner ainda vivia e trabalhava lá, supostamente sóbrio. Gage não dava a mínima, desde que o velho mantivesse distância dele. Como o pensamento lhe fez arder as entranhas, precisou de alguns segundos para se acalmar.

Na calçada, parou atrás do Karmann Ghia de Cybil Kinsky, o sexto membro do grupo. A sensual cigana partilhava seu dom de ver o futuro, assim como Quinn e Cal tinham vislumbres do passado, e Layla e Fox interpretavam o que estava escondido no presente. Supunha que isso os tornava parceiros de algum modo.

Tudo bem que Cybil era incrível. Inteligente, esperta e atraente. Em outro tempo e lugar poderia ser divertido arriscar a sorte com ela, ver quem sairia vencedor. Mas a ideia de que forças externas, poderes antigos e tramas mágicas haviam tido um papel em juntá-los o fez optar por se precaver.

Cal e Fox podiam se envolver com suas parceiras, mas ele não tinha nascido para relacionamentos de longo prazo. O instinto lhe dizia que mesmo um de curto prazo com uma mulher como Cybil seria complicado demais para seu gosto e estilo.

O grupo usava como base, por assim dizer, a casa de Cal e a casa alugada onde as mulheres moravam. Por isso, ele não viu necessidade de bater à porta. Ouviu uma música em estilo da Nova Era, com flautas e gongos. Caminhou na direção do som e lá estava Cybil. Ela usava calça larga preta e um top que deixava à mostra a barriga lisa e firme e os braços magros e musculosos. O cabelo preto cacheado escapava por debaixo da faixa em sua cabeça.

As unhas dos pés estavam pintadas com um esmalte cor-de-rosa brilhante.

Ela apoiou a cabeça no chão e ergueu as pernas perpendicularmente ao chão. Depois as abriu e, de algum modo, as torceu, como se seu tronco fosse uma dobradiça. Movendo-se com fluidez, abaixou uma perna até pôr a sola do pé no chão, formando uma espécie de ponte erótica. Com movimentos que pareciam naturais, mudou de posição, dobrando uma perna em direção ao quadril enquanto erguia a outra atrás de si. Esticando-se para trás, segurou seu pé para levá-lo à nuca. Gage ficou orgulhoso de si mesmo por não ter babado.

Cybil se curvou e se torceu no que deveriam ser posições impossíveis. A força de vontade de Gage não era forte o bastante para ele não imaginar que uma mulher flexível assim seria maravilhosa na cama.

Ela havia se arqueado para trás, com um pé enganchado atrás da cabeça, quando um brilho naqueles olhos escuros e profundos lhe disse que percebera a presença dele.

- Não queria interrompê-la.
- Não interrompeu. Agora saia.

Embora Gage lamentasse perder o fim daquela sessão, foi para a cozinha e se serviu de uma xícara de café. A tigela de ração de Caroco estava vazia e a de água, ao lado, pela metade. Logo, o cachorro já tinha comido. Se os

outros também já haviam tomado o café da manhã, tinham guardado tudo de volta. Encostando-se no balcão, notou que o jornal matutino estava dobrado sobre a pequena mesa. Como as notícias do mundo não o interessavam no momento, Gage se sentou e começou a jogar paciência. Estava na quarta partida quando Cybil entrou.

– Você não parece bem.

Ele pôs um oito vermelho por cima de um nove preto.

– Você sabe onde Cal está?

– Quinn o arrastou para a academia. – Ela se serviu de uma xícara de café e depois estendeu a mão para a cesta de pão. – Todo mundo já saiu, na verdade. Bagel?

– Claro.

Ela cortou um cuidadosamente pela metade e o pôs na torradeira.

– Você teve um pesadelo, não teve? – Cybil inclinou a cabeça quando ele ergueu os olhos para ela. – Eu também, assim como Cal e Quinn. Nada foi confirmado, mas vou chutar que Fox e Layla também. É curioso como cada um de nós tem seu jeito de lidar com o que está por vir. Quinn relaxa em meio a pesos e aparelhos. Eu pratico ioga. E você...

Ela apontou para as cartas.

– O fato é que nós demos uma baita surra no demônio há alguns dias – continuou Cybil. – Vamos só ficar esperando que ele revide?

– Quase fomos incinerados por isso – lembrou Gage.

– *Quase* está bom para mim. Juntamos as três partes da pedra. Realizamos o ritual de sangue. – Ela estudou o corte na palma de sua mão. – E sobrevivemos para contar a história. Temos agora uma arma.

– Que não sabemos usar.

– *Ele* sabe? – Cybil se ocupou de pegar pratos e cream cheese para os bagels. – Nosso demônio sabe mais do que nós? Giles Dent impregnou aquela pedra de poder há mais de trezentos anos, na clareira, e a usou como parte do feitiço que empurrou o demônio, na forma de Lazarus Twisse, para algum tipo de limbo.

Enquanto falava, Cybil cortou uma maçã e arrumou as fatias em um prato.

– Twisse não soube ou não reconheceu o poder do jaspe-sanguíneo naquela época e aparentemente continuou sem reconhecê-lo séculos depois, quando o ritual de vocês o libertou e a pedra se dividiu em três partes

iguais. Se seguirmos essa lógica, ele ainda não sabe disso, o que nos dá uma vantagem. Talvez a gente não entenda *como* essa coisa funciona, mas sabemos que ela funciona.

Ela se virou e lhe ofereceu seu prato de bagels.

– Nós juntamos as partes. O demônio não é o único com poder aqui.

Com certo fascínio, Gage observou Cybil cortar metade do bagel em duas partes, pegar uma delas e espalhar pouquíssimo cream cheese nela.

Ela deu uma minúscula mordida.

– Talvez você só devesse olhar para uma foto de comida em vez de se dar todo esse trabalho de prepará-la.

Comol Cybil se limitou a sorrir e deu outra minúscula mordida, ele continuou:

– Vi Twisse matar meus amigos. Vi isso inúmeras vezes, de incontáveis maneiras.

Os olhos de Cybil encontraram os dele, cheios de compreensão.

– Esse é o nosso mal: ver as potencialidades e as possibilidades. Tive medo quando entramos na clareira para realizar o ritual. Não só de morrer. Tive medo de viver e ver mortas as pessoas que mais amo. Pior ainda: de ser responsável por isso de algum modo.

– Mesmo assim, você foi à clareira.

– Nós fomos. – Ela escolheu uma fatia de maçã e deu uma pequena mordida. – E não morremos. Sonhos e visões não são... imutáveis. Você voltou em todos os Sete.

– Nós três fizemos um juramento.

– Sim, quando tinham 10 anos. Não estou menosprezando o valor ou o poder dos juramentos feitos na infância – continuou Cybil. – Mas, apesar de tudo, você voltou por Cal e Fox. Eu vim por Quinn, por isso entendo a força da amizade. Nós não somos como eles, você e eu.

– Não?

– Não. – Ela ergueu seu café e bebericou. – A cidade não é nossa. É um lar para Cal e Fox, e agora para Quinn e Layla. As pessoas se esforçam muito para proteger seus lares. Para mim, Hawkins Hollow é apenas o lugar onde me encontro. “Lar” significa as pessoas que amo. Quinn é meu lar, e agora Layla. E, por extensão, Cal e Fox. Ao que parece, você também. Não deixarei meu lar até saber que ele está seguro. Caso contrário, embora eu ache tudo fascinante e intrigante, não iria derramar sangue por isso.

Um raio de sol entrou pela janela da cozinha formando um halo acima do cabelo de Cybil e fazendo brilhar as pequenas argolas de prata em suas orelhas.

– Não acho que esteja aqui apenas por amizade.

– É mesmo?

– Sim. Você se irrita com a situação, com a injustiça. Quer acabar com ela.

Cybil deu outra minúscula mordida no bagel e sorriu.

– Você me pegou. Então aqui estamos nós, Turner, dois inquietos plantados no chão por causa de amor e irritação. Bom, vou tomar um banho – decidiu ela. – Você se importaria de ficar pelo menos até Quinn e Cal voltarem? Todo cuidado é pouco desde que Layla teve seu encontro com cobras no banheiro.

– Sem problemas. Você vai comer o resto disso?

Cybil empurrou os três quartos de bagel intocados na direção dele. Quando ela se levantou para ir até a pia lavar a caneca, Gage estudou a mancha arroxeadada em seu ombro. Isso o fez se lembrar de que eles haviam levado uma surra na noite de lua cheia, na Pedra Pagã, e que ela, ao contrário de Cal, Fox e ele próprio, não se curava logo depois de uma lesão.

– Esse machucado no seu ombro está feio.

Ela deu de ombros.

– Você deveria ver a minha bunda.

– Ok.

Com uma risada, Cybil virou a cabeça.

– Não literalmente. Eu tive uma babá que acreditava que uma boa palmada formava caráter. Desde o nosso encontro com o demônio, eu me lembro dela toda vez que me sento.

– Você teve uma babá?

– Tive. Mas deixando as palmadas de lado, gosto de pensar que formei meu próprio caráter. Cal e Quinn devem voltar logo. Talvez seja bom preparar outro bule de café.

Enquanto Cybil se afastava, Gage admirou a bunda em questão. Em sua opinião, ela era uma mistura interessante e complexa em um pacote pequeno. Embora gostasse de pacotes pequenos, não gostava de complexidade. Tirando isso, Cybil Kinski era perfeita.

Ela havia levado um revólver para a batalha na Pedra Pagã. Um cali-

bre 22 com cabo perolado, que usara com a habilidade de um mercenário veterano. Tinha sido Cybil quem pesquisara os rituais de sangue e as genealogias que provaram que Quinn, Layla e ela descendiam do demônio conhecido como Lazarus Twisse e de Hester Deale, a garota que ele estuprara mais de três séculos antes.

E ela ainda sabia cozinhar. Reclamava de ter que preparar comida, mas sabia bem como fazer. Ele respeitava o fato de ela ser sincera e manter a cabeça fria nas crises. Essa não era uma donzela em apuros.

Ela cheirava a segredos e tinha gosto de mel.

Gage a havia beijado naquela noite na clareira. Claro, fora uma atitude impensada, pois achava que todos iam morrer em um fogo sobrenatural. Mas se lembrava perfeitamente do sabor dela.

Provavelmente não era prudente pensar naquilo, muito menos que, naquele momento, ela estava no andar de cima, nua e molhada. Mas um homem precisava de um pouco de diversão durante a trégua de uma batalha contra um demônio secular. E, estranhamente, não estava mais no clima para Atlantic City.

Ouviu a porta da frente se abrir e a risada escancarada de Quinn. Cal havia tirado a sorte grande apenas pela risada dela. Acrescentando-se a isso o corpo curvilíneo, os grandes olhos azuis, o cérebro, o humor e a coragem, seu amigo tinha acertado em cheio.

Gage encheu sua caneca de café e, ouvindo os passos de Cal se aproximando, encheu outra.

– Olá! – cumprimentou Cal, pegando a caneca que Gage lhe estendeu, depois abriu a geladeira para pegar o leite.

Para um homem que estava de pé desde o alvorecer, Cal parecia bastante animado. Exercícios liberavam endorfina, mas Gage podia apostar que Quinn era a responsável pela boa disposição do amigo.

Os olhos azuis de Cal brilhavam, o rosto e o corpo pareciam relaxados. O cabelo louro-escuro estava úmido e ele cheirava a sabonete, logo tomara banho na academia. Ele adoçou seu café, então tirou uma caixa de cereais do armário.

– Quer?

– Não.

Grunhindo, Cal despejou os cereais em uma tigela, depois leite.

– Todo mundo teve o mesmo pesadelo? – perguntou ele.

– Parece que sim.

– Falei com Fox. – Cal comia seu cereal encostado no balcão. – Layla e ele também tiveram. Como foi o seu?

– A cidade sangrava – começou Gage. – Prédios, ruas, pessoas... Sangue borbulhando das calçadas, escorrendo dos prédios.

– Sim, assim mesmo. É a primeira vez que temos o mesmo pesadelo. Isso deve significar alguma coisa.

– O jaspe-sanguíneo foi reunido. Nós seis fizemos isso. Cybil valoriza muito a pedra como uma fonte de poder.

– E você?

– Concordo com ela. E temos menos de dois meses para descobrir como a pedra funciona.

Cal assentiu.

– Ele está vindo mais rápido, mais forte. Mas nós o ferimos, Gage, já é a segunda vez que o ferimos feio.

– Na terceira é melhor matar – retrucou Gage.

• • •

Gage não ficou por muito tempo. Se a rotina fosse mantida, as mulheres passariam boa parte do dia buscando respostas em livros e na internet. Reveriam suas tabelas, mapas e gráficos tentando encontrar um novo ângulo. E falariam exaustivamente sobre isso. Cal iria para o Bowl-a-rama, Fox estava a caminho de seu escritório. Ele era um apostador sem um jogo.

Tinha um dia inteiro só para ele.

Poderia voltar para a casa de Cal, dar alguns telefonemas, mandar e-mails. Tinha as próprias linhas de pesquisa a seguir. Estudava demonologia e folclore havia anos e em lugares estranhos do mundo. Quando compararam seus dados com os que Cybil, Quinn e Layla haviam obtido, eles se encaixaram muito bem.

Deuses e demônios guerreando uns com os outros muito antes de o homem existir. Reduzindo seus números de modo que, quando o homem entrou em cena, logo os superou. *O tempo do homem*, como Giles Dent o chamara, segundo os diários escritos por sua amada, Ann Hawkins. E no tempo do homem só restava um demônio e um guardião – não que Gage acreditasse nisso. Mortalmente ferido, o guardião passara seu poder e sua

missão para um jovem garoto humano, de modo que a linhagem continuasse através dos séculos até Giles Dent.

Gage pensou nisso enquanto dirigia. Aceitava a existência de Dent, aceitava que ele e seus amigos fossem descendentes de Dent e Ann Hawkins. Acreditava, assim como os outros, que Dent encontrara um modo, distorcendo as regras, de incluir um pouco de sacrifício humano para aprisionar o demônio e a si mesmo. Até que três garotos o libertaram séculos depois.

Podia até mesmo aceitar que o ato fora o destino deles. Não tinha que gostar disso, mas podia engolir. Era o destino deles destruir o demônio ou morrer tentando. E, de acordo com os comentários enigmáticos do fantasma de Ann Hawkins, este período dos Sete seria decisivo.

Tudo ou nada. Vida ou morte.

Como a maioria das visões de Gage eram de morte, e de várias formas desagradáveis, ele não estava apostando que seria fácil. Supôs que havia dirigido até o cemitério porque a morte dominava sua mente. Quando saiu do carro, enfiou as mãos nos bolsos. Era estúpido ir até lá. Inútil. Mas começou a andar pela relva ao redor das lápides e dos monumentos.

Deveria ter trazido flores, pensou, mas imediatamente balançou a cabeça. Flores também eram inúteis. Que bem faziam aos mortos? Sua mãe e a criança que ela havia tentado trazer ao mundo tinham morrido muito tempo antes.

Maior havia tornado a relva e as árvores mais verdes, e a brisa as agitava. O chão era ondulado, com aclives e declives onde lápides cinzentas sombrias ou monumentos brancos se erguiam e o sol projetava suas sombras. A mãe e a irmã de Gage tinham uma lápide única branca. Embora fizesse muito anos que ele não andava naquela direção, sabia onde encontrá-la.

Ela era muito simples, pequena e arredondada, com apenas os nomes e as datas gravados:

CATHERINE MARY TURNER

1954-1982

ROSE ELIZABETH TURNER

1982

Ele mal se recordava da mãe. O tempo obscurecera as imagens, os sons, a *sensação*, tornando tudo indistinto. Só tinha uma vaga lembrança de sua

mão na barriga dela, para que pudesse sentir o chute do bebê. Possuía um retrato dela, por isso sabia que tinha a mesma cor de pele, o mesmo formato dos olhos e da boca. Nunca vira o bebê e ninguém jamais lhe dissera como era. Mas se recordava de ter sido feliz por um tempo quando era criança, brincando com caminhões. E, sim, até mesmo de ter corrido para a porta quando seu pai voltou para casa do trabalho e de ter gritado de alegria quando aquelas mãos o ergueram bem alto.

Houve um tempo, que não durou muito, em que as mãos do pai o divertiam em vez de machucá-lo. Um tempo iluminado pelo sol, supôs. Então a mãe havia morrido e levado o bebê com ela, e tudo se tornara escuro e frio.

A mãe algum dia berrara com ele, o punira e fora impaciente? Com certeza. Mas ele não conseguia se lembrar de nada disso ou escolhera não lembrar. Talvez a tivesse idealizado, mas que mal havia nisso? Quando um garoto tem sua mãe por tão pouco tempo, tem o direito de considerá-la perfeita.

– Eu não trouxe flores – murmurou. – Devia ter trazido.

– Mas você veio.

Ele se virou e viu olhos da mesma cor e formato dos seus. Quando seu coração se apertou, a mãe sorriu.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

